

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT08.031

CORPOREIDADE E LETRAMENTO VISUAL: A POESIA SINALIZADA COMO EXPERIÊNCIA EDUCATIVA INTERCULTURAL PARA SURDOS VENEZUELANOS E BRASILEIROS EM LIBRAS

Kalherine da Silva Campos¹

Dalcides dos Santos Aniceto Júnior²

Geceilma Oliveira Pedrosa³

RESUMO

A oficina “Corporeidade e letramento visual: a poesia sinalizada como experiência educativa intercultural para surdos venezuelanos e brasileiros em Libras” teve como objetivo promover, em contexto formativo, reflexões e práticas sobre o corpo e o espaço como elementos constitutivos da performance poética sinalizada. A ação integrou o projeto de extensão Performance e Libras: a estética visual e o espaço como extensão do corpo, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Com carga horária de 24 horas, distribuídas em seis encontros, a proposta, inicialmente direcionada a ouvintes com conhecimento básico em Língua Brasileira de Sinais (Libras), contou majoritariamente com participantes surdos e surdas, muitos deles venezuelanos sinalizantes da Língua de Sinais Venezuelana (LSV) como primeira língua (L1) e a Libras como segunda

- 1 Mestranda do Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima - UFRR, kalherinecampos@gmail.com;
- 2 Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (EducaNorte) da Universidade Federal de Roraima - UFRR, juniorsantos.libras@gmail.com;
- 3 Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, geceilma.pedrosa@ufr.br;

língua (L2). Por isso, foi ministrada integralmente em Libras. O referencial teórico-metodológico apoia-se em Ana Regina Campello (2008), que discute a pedagogia visual; Gláucia Vianna (2014), que reflete sobre a corporeidade da pessoa surda; e Richard Bauman (1974) sobre a *art verbal* e performance. Entre os tópicos trabalhados, destacou-se a compreensão do espaço como extensão do corpo na performance, evidenciando que o corpo, no espaço, atua como campo produtor de significados. Como resultado, surdos brasileiros e venezuelanos co-criaram um Sarau em Língua de Sinais, com poesias, contos, piadas e músicas, evidenciando trocas interculturais e ressignificação identitária. A experiência validou a pedagogia visual (Campello, 2008) como estratégia para letramento visual, valorização identitária e formação estética de sujeitos surdos em contextos interculturais.

Palavras-chave: Corporeidade surda, Performance, Letramento visual, Libras, Educação intercultural.

INTRODUÇÃO

Um dia, fui ao teatro. Havia atores surdos e atores ouvintes. Todos usavam a língua de sinais. Por que não era assim na sociedade? Foi isso que me deu coragem de fazer teatro com a língua de sinais. Isso me permitiu construir minha identidade. Senti orgulho de mostrar minha língua. Sandrine Hermanse⁴.

Este trabalho tem por objetivos descrever e analisar momentos específicos de comunicação em língua de sinais e performances dramatúrgicas do grupo de surdos e surdas brasileiros e venezuelanos observados na oficina intitulada “Corporeidade e letramento visual: a poesia sinalizada como experiência educativa intercultural para surdos venezuelanos e brasileiros em Libras”, realizada como parte do Projeto de Extensão Performance e Libras: a estética visual e o espaço como extensão do corpo, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Roraima (UFRR) entre os dias 30 de novembro a 07 de dezembro de 2023. As análises das situações observadas e descritas estão embasadas pelas contribuições de Ana Regina Campello (2008), que discute a pedagogia visual; Glaucia Vianna (2014), que reflete sobre a corporeidade da pessoa surda; e Richard Bauman (1974) sobre a *art verbal* e performance.

A oficina teve como finalidade proporcionar a reflexão dos usos e significados do corpo e do espaço nas performances em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e em Língua de Sinais Venezuelana (LSV) em contextos artísticos. A oficina teve duração de carga horária de 24 horas, desenvolvido em seis encontros. Como resultado da ação, a oficina culminou na produção de um Sarau em língua de sinais na UFRR com a participação das pessoas surdas, comunidade acadêmica e civil.

Os momentos específicos de comunicação em língua de sinais, ou o enquadramento, que fazem parte do *corpus* para as análises foram as

4 Do filme “Sou surda e não sabia”, que narra a história de Sandrine, uma menina que nasce surda e vai se descobrindo surda na relação com sua família ouvinte à medida que vai crescendo (França, 2009).

performances dos surdos e surdas apresentadas no Sarau, realizado como encerramento da oficina.

A Libras foi a língua de instrução e interação em todos os seis encontros, uma vez que os participantes da oficina eram surdos e surdas brasileiros e venezuelanos. Os três ministrantes da oficina são ouvintes fluentes na Libras com experiência no ensino, na tradução e interpretação de Libras/ Língua Portuguesa. Assim, quando se verificou que os participantes eram todos surdos e surdas, optou-se por mediar os conteúdos em Língua Brasileira de Sinais, o que possibilitou outra dinâmica e enriqueceu a interação com os participantes surdos da oficina.

Nesse contexto de protagonismo das línguas de sinais, as experiências das pessoas surdas estavam em relevo: sua expressividade podendo ser realizada de maneira livre e sem limites; a sociabilidade de uma coletividade de surdos em grande número; as expressões e estilos individuais; e a possibilidade de mostrar-se, na sua singularidade, frente aos seus pares surdos. Como afirma Magnani (2007, p. 12), “é como se pudessem apreciar, para além da condição comum que as une, as diferenças entre elas, o que as torna interessantes umas em relação às outras”.

A oficina de performances de poesias em línguas de sinais para um grupo de surdos e surdas possibilitou à essas pessoas uma suspensão do fluxo cotidiano (Cavalcanti, 2013, p. 413; Dawsey, 2005, p. 166). O foco está na pessoa surda e na valorização e exibição das línguas de sinais, por meio das poesias e de outras performances como as contações de histórias e piadas.

Dentre as muitas peculiaridades observadas e percebidas durante os encontros da oficina acerca das performances de poesias em língua de sinais, nos atentamos para duas dimensões: a corporeidade e a ontologia visual das pessoas surdas. As interações e performances dos surdos e surdas na oficina evidenciou suas experiências de serem surdos sem limitações para expandir suas expressividades, seus corpos, seus espaços e sua língua sem se sentirem excluídos ou diminuídos por uma dominância

ouvintista. Em sua condição de ser e existir, a grande experiência de ser surdo *qua* surdo (Magnani, 2007, p. 12).

METODOLOGIA

Este trabalho é resultado de uma Oficina intitulada “Corporeidade e letramento visual: a poesia sinalizada como experiência educativa intercultural para surdos venezuelanos e brasileiros em Libras”, realizada na Universidade Federal de Roraima – UFRR, nos meses de novembro e dezembro do ano de 2023. A ação integrou o projeto de extensão “Performance e Libras: a estética visual e o espaço como extensão do corpo”, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRR com o objetivo de promover, em contexto formativo, reflexões e práticas sobre o corpo e o espaço como elementos constitutivos da performance poética sinalizada em língua de sinais.

Com carga horária de 24 horas, distribuídas em seis encontros, a proposta, inicialmente direcionada a ouvintes com conhecimento básico em Língua Brasileira de Sinais (Libras), contou majoritariamente com participantes surdos e surdas, muitos deles venezuelanos sinalizantes da Língua de Sinais Venezuelana (LSV) como primeira língua (L1) e a Libras como segunda língua (L2). Com isso, a oficina foi ministrada integralmente em Libras.

O referencial teórico-metodológico apoia-se em Ana Regina Campello (2008), que discute a pedagogia visual; Glaucia Vianna (2014), que reflete sobre a corporeidade da pessoa surda; e Richard Bauman (1974) sobre a *art verbal* e performance. Entre os tópicos trabalhados, destacou-se a compreensão do espaço como extensão do corpo na performance, evidenciando que o corpo, no espaço, atua como campo produtor de significados. Como resultado, surdos brasileiros e venezuelanos co-criaram um Sarau em Língua de Sinais, com poesias, contos, piadas e músicas, evidenciando trocas interculturais e ressignificação identitária. A experiência validou a pedagogia visual (Campello, 2008) como estratégia para

letramento visual, valorização identitária e formação estética de sujeitos surdos em contextos interculturais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

CORPOREIDADE E ONTOLOGIA VISUAL DA PESSOA SURDA: POR UMA PEDAGOGIA E LETRAMENTO VISUAL

Para refletirmos sobre a dimensão da visualidade para a constituição da pessoa surda, traremos as ponderações de uma pessoa que experencia o Ser Surdo. Ana Regina Campello (2008), pesquisadora surda que aborda a sobre a sua própria identidade visual e a visualidade na constituição das pessoas surdas. Como aponta Campello (2008, p. 10), a língua de sinais são de “características viso-espaciais”, “inscrevem-se no lugar da visualidade e, sem dúvidas, encontra na imagem uma grande aliada junto às propostas educacionais relacionadas à educação de sujeitos Surdos”.

De acordo com a autora (2008, p. 11), a respeito da constituição da pessoa surda baseada na visualidade:

As experiências da visualidade produzem subjetividades marcadas pela presença da imagem e pelos discursos viso-espaciais provocando novas formas de ação do nosso aparato sensorial, uma vez que a imagem não é mais somente uma forma de ilustrar um discurso oral. O que percebemos sensorialmente pelos olhos é diferente quando se necessita interpretar e dar sentido ao que estamos vendo. Por isso, as formas de pensamento são complexas e necessitam a interpretação da imagem-discurso. Essa realidade implica re-significar a relação sujeito conhecimento principalmente na situação de ensinar e aprender (Campello, 2008, p. 11).

Assim, o paradigma para compreender a maneira como as pessoas surdas se constituem, constroem seu pensamento, se percebem e se relacionam com o mundo e as coisas nele, precisa partir de outros construtos, diferente da oralidade baseada nos sons e nas ‘imagens’ fonéticas. Ainda, a autora chama a atenção para a mediação do conhecimento em rela-

ção às pessoas surdas, que também necessita assumir outras propostas, outras premissas que considerem as especificidades da visualidade da pessoa surda, sobretudo no contexto educacional.

Campello (2008, p. 66), nos esclarece a diferença na formação do pensamento das pessoas surdas em relação às pessoas ouvintes, ao indicar que os surdos e surdas “constituem-se como sujeitos mediados por referências diferentes das dos não-surdos. Vão aos poucos tomando ciência de que o ‘seu mundo’ é um mundo sem som e não se sentem incomodados por não ouvirem”. A autora afirma que mesmo situados num mundo sem som, “verifica-se que há um processo de adaptação dos sujeitos surdos ao mundo sonoro, ou seja, desde pequenas as crianças aprendem os ajustes significativos de seus mundos”, e crescem aprendendo a interpretar a sua realidade a partir de elementos baseados na visualidade, que contribui, “de maneira fundamental, para a construção de sentidos e significados” (Campello, 2008, p. 61; Padden, 1988, p. 21, *apud* Campello, 2008, p. 61).

Assim sendo, Campello (2008, p. 112), postula “o direito a pedagogia surda ou pedagogia visual, [...] compreendida como aquela que se ergue sobre os pilares da visualidade, ou seja, que tem no signo visual seu maior aliado no processo de ensinar e aprender”. Nesse sentido, a autora indica em sua pesquisa sugestões e parâmetros para a implementação de propostas pedagógicas e letramento pautadas na visualidade e voltadas à educação de surdos⁵. Dentre algumas estão: considerar que as línguas de sinais expressam sentidos ou significações que podem facilmente ser captados e decodificados pela visão; considerar que a língua de sinais favorece aos surdos o acesso a qualquer tipo de conceito e conhecimento existentes na sociedade; reconhecer a língua de sinais como língua da educação do surdo, já que é expressão da(s) cultura(s) surda(s) - Língua e cultura não estão indissociadas; utilizar a língua de sinais dentro do currículo como meio de comunicação; reestruturar o currículo atendendo às especificidades da comunidade surda, incluindo no planejamento

5 Todas as sugestões e parâmetros estão em Campello (2008, pp. 140-144).

curricular disciplinas que promovam o desenvolvimento do surdo e a construção de sua identidade; buscar a formação de profissionais surdos a nível acadêmico, nas áreas afins, tendo em vista o direito que os surdos têm em serem educados na sua própria Língua; lutar para que a comunidade científica das universidades reconheça a Língua, a cultura e a comunidade surda (Campello, 2008, pp. 140-143).

Desse modo, a dimensão da visualidade para a constituição e formação da pessoa surda é o que deve balizar a compreensão das relações que esses sujeitos estabelecem e negociam com os seus pares e com os ouvintes, de sua diferença na mediação com o conhecimento, produção e compartilhamento de sentidos e de seu universo simbólico e da sua maneira peculiar de consciência, de subjetividade, de existir e de experienciar o viver.

A noção de corporeidade da pessoa surda que compartilhamos é abordada por Vianna (2013, p. 8), que entende que:

as experiências visuais não se restringem à capacidade de produção e compreensão linguística”, apesar de ser “na formulação do discurso que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, e que os sujeitos Surdos desnudam seus corpos e sua carne, em gestos simbólicos de interpretação que denunciam o pertencimento ao mundo da visibilidade (Vianna, 2013, p. 8).

Assim, a autora chama a atenção para o “papel do corpo em sua significância discursiva”, frisando a importância da reflexão “que o Corpo é caracterizado como um lócus comunicacional”, posicionando-o “como o principal vetor linguístico, político e ideológico das sociedades de visibilidade surdas, cujas marcas identitárias são asseguradas, indiscutivelmente, pelo contexto sócio-histórico das línguas sinalizadas” (Vianna, 2013, p. 22). Ainda de acordo com a autora, se apresenta como um grande desafio “discutir a corporeidade surda como um constituinte de sua essência de SER um corpo surdo” (p. 100).

Vianna (2013, p. 101) propõe “redirecionar o olhar sobre a corporeidade surda a partir de uma ótica fenomenológica singular, como de fato

constituente de características próprias, múltiplas e inesgotavelmente surpreendentes”. A autora continua:

Dessa forma, possibilita-se pensar o corpo surdo também na sua completude enquanto sujeito histórico; constituído ideologicamente em carne e língua, trazendo à tona propriedades únicas inerentes a sua formação identitária, tais como as experiências visuais, o dialogismo com a comunidade surda, as propriedades táteis extremamente aguçadas, a ação corporal no uso de sua língua sinalizada, entre outras particularidades que o distingue de um corpo ouvinte (Vianna, 2013, p. 101).

Visualidade e corporeidade são dimensões indissociáveis na constituição do SER Surdo, pois se “as experiências visuais são projetadas como o principal aporte da consciência corporal”, elas o são também “parte de uma corporeidade que se constitui a partir de vários outros aspectos igualmente relevantes” (Vianna, 2013, p. 101). Sendo assim, a autora afirma que “compreender esta corporeidade é também compreender que as experiências visuais são extremamente significativas ao corpo surdo” (p. 101).

Compreender e olhar para a pessoa surda para além da sua dimensão linguística, nas análises e investigações acerca desse público, sobretudo no campo de debate da educação, pode contribuir para o aprofundamento teórico e conceitual, revelando outros campos analíticos para os chamados Estudos Surdos. Nesse sentido, refletir sobre a visualidade e a corporeidade e “os aspectos que circundam as constituições identitárias” das pessoas surdas é de fundamental importância “para o afastamento da ideia de corpo danificado, daquele que precisa ser consertado, bem como da ruptura com o ideal de normalização a ela subjacente” (Vianna, 2008, p. 108).

PERFORMANCE DIFERENCIADA DE POESIA EM LÍNGUA DE SINAIS: A ESTÉTICA VISUAL E O ESPAÇO COMO EXTENSÃO DO CORPO

O viés teórico e o campo conceitual que adotamos para pensar acerca de performance é o proposto por Richard Bauman (1974), que parte da

ideia de que a performance “constitui um domínio da arte verbal como comunicação falada”, assim também como a forma que a comunicação é realizada para além apenas de seu conteúdo referencial (Bauman, 1974, p. 293).

Como Langdon (2008, pp. 163, 166) apontou, Bauman estabeleceu as preocupações com a estética e a poética como centrais ao campo da “verbal art”, definindo “performance como um evento comunicativo no qual a função poética é dominante, sendo que a experiência invocada pela performance é consequência dos mecanismos poéticos e estéticos produzidos através de vários meios comunicativos simultâneos”.

Para Bauman (1974, pp. 296, 305), a performance tem poder de transformação pois os atos performáticos suscitam emoções e experiências emergentes no performer e na audiência. A suspensão do fluxo normal de comunicação pela sinalização para estabelecer o evento da performance, causa um conjunto de expectativas sobre a audiência sobre o que acontecerá a seguir. Essas expectativas envolvem emoções, sentimentos, prazeres e estranhamento do cotidiano numa intensidade especial. (Langdon, 2008, pp. 168-9).

Assim, os eventos específicos de poesias em língua de sinais apresentados por surdos e surdas na oficina foram analisados a partir da ótica da abordagem da performance proposta por Bauman: a performance como arte verbal. Nesses momentos específicos, em que a função poética é dominante na comunicação, os “atos performáticos são momentos de ruptura do fluxo normal de comunicação” (Langdon, 2008, p. 169).

Para as pessoas surdas a linguagem se manifesta de uma maneira peculiar. Enquanto os ouvintes têm a sua linguagem e sua comunicação baseada em elementos orais e auditivos, as pessoas surdas têm como meio de comunicação e linguagem elementos visuais e espaciais.

Essa modalidade linguística visual-espacial das línguas de sinais faz com que as expressões faciais e/ou corporais (também chamadas de marcações não-manuais) tenham um lugar importante nessas línguas. As marcações não-manuais são partes constituintes da estrutura linguística

das línguas de sinais e são mais do que expressão de sentimentos e emoções, compondo e dando significado aos sinais.

As expressões faciais e corporais das pessoas surdas já foram observados em outros trabalhos e pesquisas (Gediel, 2010; Araújo, 2015) como elementos incorporados dos sinais, conferindo ou mudando o sentido dos sinais em situações e contextos de variação de expressão facial e/ou corporal, do uso do corpo e do uso do espaço. Fazemos referências a essas pesquisas pois o uso do corpo e de expressões faciais e/ou corporais fazem parte do universo das poesias analisadas nesse trabalho.

Gediel (2010) descreve uma situação específica do uso do corpo e do espaço de modo diferenciado. Em sua proposta da *performance no estilo segredo*, a autora traz um exemplo de campo em que a performer, para contar um segredo, fez sinais mais próximos ao corpo, com intervalos entre um sinal e outro (Gediel, 2010, p. 236).

Também dando ênfase às expressões faciais e corporais e ao uso do corpo, Araújo (2015, p. 98) afirma que “a cultura surda se posiciona como um diferencial na sua forma de comunicação, no uso do corpo e das expressões faciais”, além de traçar um paralelo entre performatividade e teatralidade para a reflexão sobre as performances dos surdos e a língua de sinais. Nas observações dos momentos performáticos dos surdos e surdas recitando uma poesia ou contando uma história percebemos que há uma “atuação” para cada situação ou contexto comunicativo na língua de sinais.

A apropriação do espaço pelo corpo, tornando-se uma extensão deste, também podem sinalizar mudanças no momento performático: pelo deslocamento sutil do corpo para a esquerda ou para a direita no espaço de atuação e pela mudança de posição da cabeça para cima ou para baixo e para a direita ou para esquerda. Mas especificamente no caso das poesias, como a expressividade poética, a estética, a rima e a sincronia se apresentam nas línguas de sinais, uma vez que é uma língua visual, diferenciado-se da linguagem cotidiana dos surdos?

De acordo com Silveira e Karnopp (2013, p. 4), “a poesia em LIBRAS usa a expressividade das línguas de sinais”. Além disso, como apontaram

Quadros e Sutton-Spence (2006, p. 112 *apud* Silveira; Karnopp, 2013, p. 5), a “poesia em língua de sinais, assim como a poesia em qualquer língua, usa uma forma intensificada de linguagem [“sinal arte”] para efeito estético”.

Morgado (2011a, p. 62 *apud* Silveira; Karnopp, 2013, p. 5) estabelece uma comparação entre recursos da linguagem verbal (rima, ritmo, verso, métrica e estrofe etc.) e os recursos dos poemas em línguas de sinais. Para a autora (p. 62), os poetas surdos podem usar algumas das seguintes formas: (1) modificação de sinais; (2) variação de sinais; (3) utilização de componentes não-manuais (expressão corporal e facial); (4) uso de classificadores; (5) recorrência a metáforas; (6) interiorização de personagens com suas características; (7) mudança de papéis para representar diferentes personagens ou situações⁶.

E a respeito de alguns aspectos linguísticos de poemas, Sutton-Spence (2000, *s/p* *apud* Silveira; Karnopp, 2013, p. 6) afirma que “repetições regulares de formato das mãos, caminho do movimento e escolha do local são usados em conjunto com ritmo e criatividade para produzir um poema”.

Assim, toda a expressividade e o sentimento na performance de poesia em língua de sinais são comunicados pela visualidade dos sinais, pelas expressões faciais e pelo corpo do performer surdo. Na elaboração de Bauman (1974, p. 293) sobre a performance como arte verbal, um dos elementos essenciais para a performance é a “demonstração de competência comunicativa”.

Dessa forma, a performance de poesia em língua de sinais requer competência comunicativa do performer surdo em jogar com as nuances, os aspectos e recursos que caracterizam a poesia em língua de sinais apontados pelos autores citados acima (Silveira; Karnopp, 2013; Quadros; Sutton-Spence, 2006; Sutton-Spence, 2000; Morgado, 2011).

6 Nosso objetivo não é fazer uma descrição pormenorizada desses aspectos e elementos que caracterizam a poesia em língua de sinais. Indicamos como leitura para este objetivo SILVEIRA, C. H.; KARNOPP, L. B. **LITERATURA SURDA: ANÁLISE INTRODUTÓRIA DE POEMAS EM LIBRAS**. Nonada: Letras em Revista, vol. 2, n. 21, 2013.

As performances das pessoas surdas ao recitarem as poesias trazem uma expressividade poética visual através da maneira de construir a narrativa da poesia. A forma de sinalização não é a mesma do fluxo cotidiano. As performances de poesias apresentam uma característica das línguas de sinais: as descrições imagéticas.

Autores como Campello (2008), Pedrosa e Alcântara (2016), Santos e Castro (2016) têm aprofundado os estudos sobre as manifestações das descrições imagéticas na Língua Brasileira de Sinais.

Para Pedrosa e Alcântara (2016, p. 1), as descrições imagéticas têm “a capacidade de mediar e revelar as imagens e sua representação visual”. Além disso, Santos e Castro (2016, p. 1) chamam atenção para os efeitos estéticos do uso das descrições imagéticas, afirmando que “o ato de descrever a imagem faz parte da gramática da LIBRAS e é de suma importância no colorido do discurso” em língua de sinais.

Campello (2008, p. 159) entende as descrições imagéticas como “sistemas visuais” em que o objetivo “é utilizar captação dos sinais visuais, ampliar e exercitar as capacidades mentais e visuais”. A autora (2008) propõe cinco tipos de “transferências das descrições imagéticas: (1) transferências visuais (de tamanhos e formas); (2) espaciais; (3) de localização; (4) de movimentos e (5) de incorporação (2008, p. 18).

Assim, nas performances de poesias apresentadas pelos surdos as características das descrições imagéticas se sobressaíram. Com a ênfase na função poética, as performances dos surdos afluíram a estética visual dos sinais e das descrições das imagens, dando outro tom, um “colorido” à sinalização, evocando e suscitando emoções pela rima, ritmo e poética da poesia.

A POESIA SINALIZADA COMO EXPERIÊNCIA EDUCATIVA INTERCULTURAL PARA SURDOS VENEZUELANOS E BRASILEIROS EM LIBRAS

Na oficina Performance e Libras: a estética visual e o espaço como extensão do corpo, participaram surdos e surdas de nacionalidade vene-

zuelana. A presença de muitos surdos e surdas venezuelanos na cidade de Boa Vista, é devido o contexto de intenso fluxo migratório em anos recentes vindo da Venezuela para o Brasil, cuja porta de entrada é o estado de Roraima. Esses surdos e surdas, ao se estabelecerem no Brasil, aprendem a Libras para se comunicarem com a comunidade surda de Boa Vista, uma vez que sua língua de sinais natal é a Lengua de Señas Venezolana (LSV), (Araújo; Bentes, 2020).

A participação de surdos e surdas venezuelanas na oficina possibilitou uma rica troca e interação linguística e cultural, uma vez que os surdos venezuelanos são sinalizantes da Língua de Sinais Venezuelana (LSV). Muitos destes surdos venezuelanos já se comunicam através da Língua Brasileira de Sinais, assim como alguns surdos brasileiros também conseguem sinalizar na Língua de Sinais Venezuelana. Os surdos e surdas de origem venezuelana não apresentaram dificuldades para compreender a exposição dos conteúdos através da Libras pelos ministrantes. Ao contrário, os surdos venezuelanos participaram ativamente das discussões e das atividades propostas.

A oficina propiciou mais do que um momento e espaço para compartilhamento de conhecimentos no que diz respeito às peculiaridades das línguas de sinais em momentos de performances de poesias, mas também de trocas e transmissão de saberes e experiências entre surdos brasileiros e venezuelanos. A alteridade do surdo brasileiro e do surdo venezuelano em se relacionar e experienciar o mundo e tudo o que há nele, suas sensibilidades visuais aguçadas e suas maneiras de sentir e de viver também são idiossincrasias performadas em suas poesias. A arte verbal dos sinais, dos movimentos, do corpo e da expressividade do surdo é, ao mesmo tempo, também a arte verbal em manifestar seu mundo, sua língua, sua cultura e suas experiências.

A abordagem da performance como arte verbal, proposta por Bauman (1974), nos possibilitou analisar e refletir que as performances de surdos ao recitar poesias em língua sinais evidenciam uma mudança, uma suspensão, no fluxo da comunicação cotidiana marcadas principalmente

pelo uso do recurso das descrições imagéticas, da modulação, ou ritmo, da sinalização e pelo uso do corpo, do espaço e das expressões faciais.

Analisamos que os momentos de performances de poesias são marcados por sinalizações peculiares na língua de sinais para a “ruptura do fluxo normal de comunicação. São momentos sinalizados para estabelecer o evento da performance” (Langdon, 2008, pp. 168-169).

As poesias e piadas em Língua Brasileira de Sinais manifestam suspensão do fluxo de comunicação cotidiano pelas expressividades das línguas de sinais e pela “forma intensificada de linguagem [sinal arte] para efeito estético” (Quadros; Sutton-Spence, 2006, p. 112 *apud* Silveira; Karnopp, 2013, p. 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões e análises trazidas para o debate dentro da temática deste trabalho se mostraram muito produtivas e potencialmente férteis para pensar as manifestações performáticas de poesias dos surdos através da língua de sinais dentro da educação e dos chamados Estudos Surdos. Por exemplo, as poesias das pessoas surdas consideradas como parte de uma Literatura Surda ou de um movimento artístico surdo, além de serem ponderadas como parte de um pós-curriculo das diferenças, decolonial, um currículo como “atos formativos” para as minorias surdas (Rocha, 2019, pp. 5-6).

Outro aspecto importante é pensar os espaços onde as performances acontecem, como o sarau produzido pelos surdos e surdas, como espaços de sociabilidade entre eles (Magnani, 2007). Ou seja, pensar nesses espaços de momentos performáticos como eventos de sociabilidade entre os surdos em que se favorecem o estreitamento dos laços afetivos que ligam os surdos, a troca de experiências de viver e de sentir, o compartilhamento das memórias e identidades que constituem e atravessam as histórias individuais e coletivas dos surdos.

E ainda, pensar nesses momentos performáticos como eventos em que acontece a transmissão de conhecimentos do que os surdos chamam de Cultura Surda. Mais do que isso, para o recorte deste trabalho, a oficina oportunizou trocas de conhecimentos e experiências entre surdos e surdas sinalizantes de países, línguas e culturas diferentes, a saber, surdos e surdas brasileiros e venezuelanos. Sendo assim, o sarau de poesias sinalizadas em língua de sinais promoveu uma experiência educativa intercultural para surdos venezuelanos e brasileiros.

Na centralidade da reflexão compreendemos que a experiência visual e da corporeidade, a língua de sinais e as relações com o corpo e o espaço como extensão deste fazem parte da alteridade ontológica da pessoa surda. Esses aspectos das especificidades das pessoas surdas e das línguas de sinais devem ser levados em conta nas reflexões e análises em todo e quaisquer campo de debates como a educação, a arte, a cultura e a linguagem.

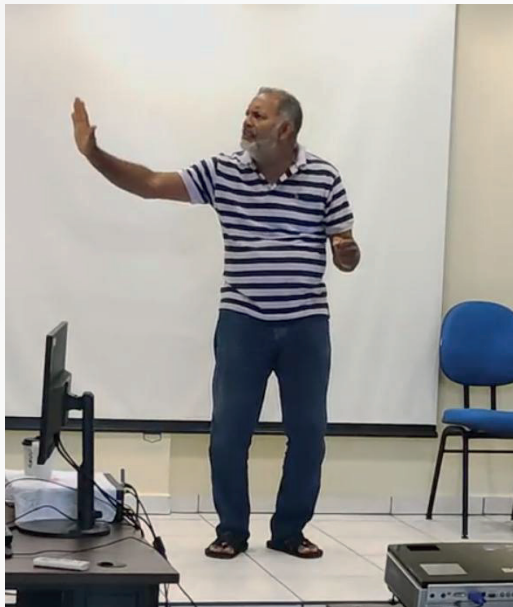
FIGURAS:

Figura 1: participante surda brasileira sinalizando poesia em Libras.



Fonte: dos autores

Figura 2: participante surdo venezuelano sinalizando piada em Língua de Sinais Venezuelana e Libras (Codeswitching).



Fonte: dos autores

Figura 3: participantes surdas venezuelanas e brasileira performando uma peça teatral em Língua de Sinais Venezuelana e Libras.



Fonte: dos autores

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Karla. **A teatralidade do surdo na Performance**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Goiás, 2015.



ARAÚJO, Paulo J. P; BENTES, Thaisy. Línguas de Sinais de Fronteiras: o caso da LSV no Brasil. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n.26, pp. 125-135.

BAUMAN, Richard. **Verbal Art as Performance**. University of Texas at Austin, 1974, pp. 290-311. *In*: American Anthropologist, 2009.

BRITO, L. F. et. al. Língua Brasileira de Sinais-Libras. *In*: BRITO, L. F. et. al. (Org.) **BRASIL, Secretaria de Educação especial**. Brasília: SEESP, 1998.

CAMPELLO, Ana Regina S. **Pedagogia visual na educação dos surdos-mudos**. 169 fls. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC. 2008.

CAVALCANTI, Maria Laura V. de. **Drama, ritual e performance em Victor Turner**. Sociologia&Antropologia, Rio de Janeiro. Vol. 03.06: 411-440, 2013.

DAWSEY, John C. et. Al. **Victor Turner e antropologia da experiência**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 13: 163-176, 2005.

GEDIEL, Ana Luisa. **Falar com as mãos e ouvir com os olhos? A corporificação dos sinais e os significados dos corpos para os surdos de Porto Alegre**. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

LANGDON, Esther Jean. Performance e sua diversidade como paradigma analítico. **Ilha – Revista de Antropologia**, vol 8, n. 1 e 2, p. 163-184, 2008.

MAGNANI, José Guilherme C. **“Vai ter música?”: para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo**. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, 1, 2007.

PEDROSA, Clara Ramos; ALCÂNTARA, Katicilayne Roberta. **A descrição imagética como suporte estratégico no processo de ensino da literatura surda**. Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística das Línguas de Sinais – Florianópolis/SC, 2016.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA, Damião. **Pesquisas com/as minorias nortistas amazônicas: aportes teóricos de um pós-curriculo das diferenças**. Anais da 39ª Anped Nacional, UFF, Niterói – RJ, 2019.

SANTOS, W. C; CASTRO, M. G. F. de. **As diferentes terminologias da Libras para o conceito da descrição imagética: uma discussão acadêmica.** Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística das Línguas de Sinais – Florianópolis/SC, 2016.

SEYFERTH, Giralda. Minoria. *In*: LIMA, Antônio Carlos de S. **Antropologia e direito: temas antropológicos para estudos jurídicos.** Brasília, Rio de Janeiro, Blumenau: Associação Brasileira de Antropologia, LACED, Nova Letra, 576 p. 2012.

SILVEIRA, C. H; KARNOPP, L. B. **Literatura Surda: análise introdutória de poemas em LIBRAS.** Nonada: Letras em Revista, vol. 2, nº 21, 2013.

SOU SURDA e não sabia. Direção: Igor Ochrowicz. França: 2009. 1 CD-R.

STROBEL, K. L; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais.** Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

VIANNA, Gláucia S. **Corpo Surdo: na língua, na corporeidade e na história, os sentidos.** 181 fls. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ. 2014.